



EXPLORADORAS/ES NO JARDIM SECRETO DA PRÉ-ESCOLA: CRIANÇAS, FORMIGAS, MARIPOSAS E PLANTAS

Explorers in the childhood school's secret garden: ants, months and plants

José Firmino de Oliveira NETO

Faculdade de Educação
Universidade Federal de Goiás
Goiânia, Brasil

josefirmينو@ufg.br

<https://orcid.org/0000-0003-0782-2149> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

O presente texto busca relatar uma experiência de exploração da natureza com crianças da pré-escola no jardim da instituição de Educação Infantil - *Exploradores no jardim secreto da pré-escola: formigas, mariposas e muitas plantas*. Realizamos incursões teóricas mediadas por um exercício de metamemória que resgata um contexto de exploração pela/na natureza, desenvolvido com crianças de 05 anos em Goiânia-Goiás, Brasil, em 2022, tendo como pressupostos as premissas do campo da Educação Infantil e da Educação em Ciências. Ao fomentar explorações em um jardim, brincando com uma "lupa de cientista", as crianças reconheceram animais e plantas, dialogaram sobre a vida e a morte, constituindo, assim, conhecimento vivo e ativo para ler o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Relato de Experiência. Educação Infantil. Crianças. Educação em Ciências.

ABSTRACT

This text aims to describe an experience of exploring nature with preschool children in the kindergarten of an Early Childhood Education institution — *Explorers in the Preschool's Secret Garden: Ants, Moths, and Many Plants*. We conducted theoretical incursions mediated by a metamemory exercise that recalls a context of exploration through/in nature, developed with 5-year-old children in Goiânia, Goiás, Brazil, in 2022, based on the premises of the fields of Early Childhood Education and Science Education. By encouraging explorations in a garden, playing with a "scientist's magnifying glass," the children recognized animals and plants, and discussed life and death, thus constituting living and active knowledge for understanding the world.

KEYWORDS: Experience Report. Kindergarten. Children. Secret Garden. Science Education.

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil configura-se como a primeira etapa da Educação Básica no Brasil, ofertada em creches e pré-escolas, a qual deve ser garantida pelo Estado de forma pública, gratuita, sem seleção e com qualidade. Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, essas creches e pré-escolas se caracterizam como “[...] espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial” (Brasil, 2010, p. 12). Portanto, referimos ao *tempo espaço* “de socialização, de convivência, de trocas e interações, de afetos, de ampliação e inserção cultural, de constituição de identidades e de subjetividades” (Corsino, 2012, p. 03).

Nessa perspectiva, podemos dizer que os sujeitos desses espaços, as crianças desde bebês, são consideradas sujeitos de direitos, entre os quais o direito à Educação e, como coloca Tiriba (2018), uma Educação Infantil como direito e alegria, que mobilize e (re)configure um currículo enquanto “[...] conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico” (Brasil, 2010, p. 13). Além disso, cabe mencionar a relevância dos princípios éticos, políticos e estéticos, que são apresentados às crianças por meio de práticas pedagógicas, tendo como eixo norteador as interações e a brincadeira.

Dessa forma, abordar as práticas pedagógicas na Educação Infantil com ênfase nas experiências e conhecimentos do campo das Ciências da Natureza, mobilizados por professores e professoras das infâncias, é apreendê-las como um direito das crianças que se configura como importante para constituição do sujeito, de modo a possibilitar uma leitura ampla acerca dos fenômenos da vida. Como defende Lima e Santos (2018, p. 11), “[...] uma educação em ciências da vida e da natureza pode abrir variadas possibilidades na ampliação das experiências das crianças com os outros, consigo mesmas e com o mundo”.

Assim, não apenas nos referimos a componentes curriculares, mas firmamos um compromisso com a Educação Infantil no sentido amplo, em um movimento que se inicia quando as crianças adentram o espaço das instituições. Neste sentido, enfatizamos que as Ciências da Natureza configuram uma ciência da descoberta/exploração, através da vivência com o corpo todo, como uma forma de pensar e construir conhecimento científico que se estrutura mediante a observação, a

proposição de explicações, a descoberta em uma trajetória de experimentação e de observação dos fenômenos estudados, bem como o consecutivo compartilhamento das experiências constituídas com o grupo (Harlan, Rivkin, 2002).

De acordo com Diaz (2016), referendamos que, proporcionar às crianças experiências educativas no campo das Ciências Naturais na Educação Infantil mobiliza um movimento de questionamentos do ambiente social e natural, compreendendo que não há um ambiente biológico e outro social, mas apenas um, que é constituído por esses aspectos, e o que se modifica são os meios de abordá-los para as diferentes práticas pedagógicas que realizamos.

Perante esse movimento, buscamos neste texto, relatar uma experiência de exploração oportunizada com crianças da pré-escola no jardim da instituição de Educação Infantil, tendo como pressupostos as premissas do campo da Educação Infantil e da Educação em Ciências. Nesta perspectiva, realizamos incursões teóricas mediadas por um exercício de metamemória, resgatando um contexto de exploração desenvolvido com crianças de 5 anos em uma instituição de Educação Infantil da região metropolitana de Goiânia-Goiás, Brasil, no início de 2022.

EXPLORADORAS/ES NO JARDIM DA PRÉ-ESCOLA: CRIANÇAS, FORMIGAS, MARIPOSAS E PLANTAS

No céu o sol brilhante a pulsar, na sala referência¹ da Escola Municipal Professora Leonísia Naves de Almeida, em Goiânia, no estado de Goiás, muitas crianças a brincar e a criar, um professor a possibilitar contextos de exploração com vistas à ampliação do repertório cultural dessas crianças, através de um movimento-AÇÃO de educação científica. No horizonte, o jardim da escola a ser explorado e experimentado pelas crianças, que foram mobilizadas a partir de questionamentos: Quais animais podemos encontrar no jardim secreto da pré-escola? Como vivem esses animais? O que comem? Onde dormem? E as plantas, são seres vivos?

Assim, em um dia de sol qualquer, em fevereiro de 2022, as crianças estavam empolgadas, afinal uma nova conjuntura de exploração estava para ser iniciada e muitos eram os anseios por esse momento. Dessa vez, o contexto era o próprio jardim

¹ A sala de referência compreende o espaço físico de centralidade das crianças na pré-escola. Assim, no *tempoespaço* da instituição de Educação Infantil o agrupamento se movimentava em diferentes espaços, por vezes na biblioteca, outras no pátio e/ou na quadra de esportes, no jardim entre outros, mas apresentavam um território de orientação: a sala referência.

da pré-escola, o material disponível eram lupas (Figura 1). Como reitera Tiriba (2018), no limiar do território da Educação Infantil, temos a oportunidade de oferecer às crianças um apanhado de interações, sensações, condições materiais e imateriais que oportunizem a aprendizagem e o desenvolvimento delas.

O movimento a ser iniciado estava engendrado na observação do jardim, quais sejam: visualizar animais, plantas e/ou qualquer outra forma de vida que estivesse naquele espaço natural que, embora pequeno, se constituía de muita riqueza. Para Barbieri (2018, p. 161), o “[..] desafio para os educadores é oferecer espaços de investigação/ação, onde as crianças possam aprender. Os espaços podem ser clareiras para nosso ser, ser-estar em contato com o que somos”.

Seguindo a premissa de Barbieri (2018), espaços de viver-aprender. Assim, referendamos uma “didática da maravilha” (Nigris, 2014), em busca de romper com um paradigma epistemológico tradicional de ensino transmissivo, e fazer valer com as crianças explorações revolucionárias e emancipatórias que sejam capazes de nutri-las de admiração, despertando o desejo por (re)conhecer o mundo... o jardim da pré-escola.

O próximo passo da experiência de exploração foi dado, as crianças, com a lupa na mão e o espírito aventureiro, seguiram para o jardim da pré-escola à procura dos animais, plantas e/ou outras formas de vida. Logo na chegada, já nos deparamos com as formigas que caminhavam em fila, algumas carregando pedaços de folhas, em ritmo acelerado e uma organização invejável. Com cuidado para não pisar nas formigas, as crianças ficaram por um longo período observando o trabalho sincronizado, e logo começaram a questionar: Por que as formigas andam em fila? As formigas comem folhas? Para onde estão indo as formigas?

Figura 1. Crianças observando uma árvore.



Fonte: Acervo do autor.

A vida coletiva das formigas², em um trabalho sincronizado e de muito esforço, muitas vezes carregando pedaços de folhagem que pareciam maiores que seu corpo, inspirou as crianças a andar em filas, brincar-criar-agir como as formigas. Nesse enlace, saber de si e do outro, apreender nuances sobre a vida de um inseto que, embora muito familiar, passava despercebido muitas vezes.

Percebemos que havia uma admiração das crianças pelo movimento-trabalho das formigas. Enquanto professor, tentava aprender com as crianças lições de infância, e permitir *tempoespaço* para que continuassem, sem pressa, a observar e a brincar com/como as formigas. Oportunamente, como afirma Nigris (2014, p. 144), “é justamente essa capacidade de admiração [...], que temos de evitar inibir ou censurar com a ação educativa e que, aliás, a *didática da admiração* pode contribuir para reforçar e potencializar” [...].

A propósito cabe também destacar que, como nos lembra Staccioli (1998), nos processos educativos com as crianças não devemos ter pressa, já que o importante são as experiências que vivem e as aprendizagens provindas delas, que acontecem no aqui e agora, pois, a todo tempo e lugar, interações estão a ocorrer, gerando experiências de aprender. E mais, fomos conseguindo fomentar um ato educativo que possibilita a admiração, constituindo uma cultura com as crianças que permitia “[...] antes de mais nada, o desejo autêntico de conhecer e de descobrir da criança e não de um modelo adultizado e asfixiante de *curriculum* escolar” (Nigris, 2014, p. 139). Seguindo, na certeza, de que a criança “[...] pode ser considerada um cientista na descoberta das leis da natureza” (idem).

Assim, foi se revelando que cada processo esmiuçado, no caso a observação das formigas, remetia a um conjunto de saberes especializados e/ou curriculares que diziam tanto das Ciências da Natureza, quanto de uma descoberta em sentido biológico e social, físico, psicológico, que poderia ser levantado em diferentes momentos com as crianças. Para tal, relembremos dois trechos do livro “Lições de infância”, de Chris Tragante, que nos auxilia a sintetizar essa primeira vivência no jardim e que diz da natureza de ser criança: “[...] o tempo pode ser nosso melhor amigo” e “olhar através faz o mundo se encher de novidades” (Tragante, 2024, não paginado).

Seguindo com os achados no jardim, a experiência com as formigas foi interrompida com um novo chamado das crianças. O grito de uma delas logo chamou

² As formigas são insetos eussociais da família Formicidae. Juntamente com vespas e abelhas pertencem à ordem Hymenoptera.

atenção e as formigas ficaram de lado. Entrou em cena a borboleta, ou seria mariposa? (Figura 2).

Figura 2. Borboleta ou mariposa?



Fonte: Acervo do autor.

Inicialmente as crianças acreditaram ser uma borboleta, mas começaram a se questionar e a levantar hipóteses sobre o que caracterizaria o animal e, com muita falação e, posteriormente a mediação do professor, concluíram ser uma mariposa. A conclusão sobre o questionamento foi feita com muito furor e vigor, pois as crianças, na busca por superar uma dualidade entre fazer e pensar, materializaram a integração entre razão e afeto. Pela emoção conseguiram apreender! E mais uma vez as crianças vão demonstrando:

[...] curiosidade sobre o mundo natural. Não se cansam de perguntar o porquê, mesmo que os adultos não demonstrem interesse em respondê-las. As crianças estão sempre dispostas a testar suas hipóteses e apresentam características importantes para se construir novos conhecimentos (Maline *et al.*, 2018, p. 1001).

Nesse movimento-agitação em torno da nova companheira, a belíssima mariposa, o professor alerta: - *Crianças, cuidado com a mariposa. Não toquem nela, podem machucá-la!* As crianças demonstram compreensão e a cena de exploração segue.

Enquanto alguns admiravam as formigas, outros aproveitaram a lupa para verificar com exatidão a nervura das folhas, a casca das árvores e até mesmo as flores (Figura 3) com interesse, sobremaneira pela parte interior delas. Parecia que, tal como

a criança da obra de literatura infantil “A árvore em mim”, de Corinna Luyken: A árvore em mim/ é semente e flor,/ casca e toco,/ galho e tronco/ e copa!

Figura 3. Criança observando uma flor.



Fonte: Acervo do autor.

Assim seguiam os diálogos sobre os achados, em um movimento de brincar explorar, como sugere Smith (2003), levando as crianças diretamente aos seus desejos mais profundos. Todos os detalhes, por menores que fossem, interessavam as crianças:

[...] o que poderia ser definido como exploração é o exercício de uma sondagem em torno das “pequenas coisas”, cujo objetivo é descrever um possível modo, entre os tantos existentes, para exercitar uma educação que tem a intenção de se renovar [...] (Guerra, 2022, p. 27).

Nessa trama, um grito ecoa: - *Mataram a mariposa!* As crianças, curiosas que só elas, não aguentaram e, no anseio de tocar o inseto, acertaram-lhe com um graveto e ele não resistiu: - *Morreu*. Todavia, a cena que comovia professor e crianças constituiu-se *tempoespaço* de diálogo, inicialmente sobre a recomendação feita pelo professor e, conseqüentemente, acerca do ciclo da vida, sobremaneira no que tange aos conceitos de vida e morte, caros à vida e à Educação em Ciências para explicação de distintos fenômenos naturais.

Sabemos que, sobretudo na contemporaneidade, a morte constitui-se um tabu social. No entanto, se a biologia se configura como um campo de conhecimento que se

debruça ao estudo da vida (bio – vida; logos – estudo), acreditamos que, como parte do ciclo vital, também é preciso tecer reflexões sobre a morte. Como considera Nicolli e Mortimer (2012, p. 20),

Desde criança o que se aprende nas aulas de ciências é que, se somos seres vivos, temos um ciclo de vida. No entanto, o ciclo de vida que é ensinado geralmente não considera os seguintes aspectos: (a) as possibilidades de os seres vivos não desenvolverem um ciclo de vida completo; (b) a percepção da vulnerabilidade do corpo, ou seja, do inevitável ponto final do ciclo de vida e da vida: a morte, e (c) o fato de morte ser um conceito central na existência das pessoas pela sua oposição ao conceito de vida.

Rompendo com esse ciclo, no movimento de exploração, optamos por tecer conjecturas sobre a vida e a morte. Afinal, as crianças continuavam curiosas para saber para onde iria agora a mariposa, ou ainda, o que faríamos com o inseto, já que não possuía mais vida. O desfecho foi o das crianças, inesperado e potente!

Nesse exemplo, aludimos as dinâmicas mutáveis e efêmeras das explorações em ação, oportunizadas com as crianças, ratificando que na Educação Infantil não cabe modelos prontos e acabados, mas uma (re)criação inovadora, criativa e afetiva que possibilite aos atores do processo educativo ampliarem seus conhecimentos. No planejamento do contexto de exploração no jardim da pré-escola, não esperávamos encontrar uma mariposa, nem mesmo que morreria devido a um descuido das crianças, mas nos valem desses acontecimentos e dessas experiências para a tessitura de conceitos centrais ao campo das Ciências da Natureza.

E assim, podemos dizer que atuamos conforme referenda Rimondi (2003, p. 39) sobre o papel do professor, que é aquele que “conduz as crianças no caminho que leva para fora: este caminho é aquele que é naturalmente próprio da criança, devido à sua atitude substancial de se lançar, movida pela curiosidade e pela fantasia”. Justamente esse movimento entre razão e afetos levou as crianças a “produzirem o irrepetível” (Nigris, 2014, p. 140), a fazer-saber a partir de seus erros, elaborando respostas e estratégias diferentes das esperadas por mim enquanto professor, mas que para elas tinha mais sentido, afinal, porque não poderiam tocar a mariposa.

Em síntese, o imprevisto e o inesperado geraram aprendizagem, e as crianças, como os cientistas, sem uma ordem preestabelecida, por um desvio de rota, agiram quase como “[...] um pouco um cão de guarda na frente de uma casa, que segue percursos alternativos, em zigue-zaque, indo para frente e depois voltando” (Vecchi; Magnaldi, 1999, p. 32). Apreenderam sobre a vida - sobre si e *outrem*, e puderam seguir com conhecimentos (in)tangíveis sobre o ciclo da vida na busca por uma leitura

ampliada de novos e oportunos movimentos entre a vida e a morte que certamente ainda encontrarão em seus percursos de (re)existência.

Nesse limiar, admito que a (re)criação da proposta pedagógica apenas se tornou possível, por me instaurar em uma postura investigativa, inquiridora do jardim da pré-escola com as crianças. Assim, enquanto professor, mantenho uma escuta atenta, como alerta o homem bem velho do poema “O homem da orelha verde”, de Gianni Rodari (1977), para compreender o que os adultos não querem mais saber.

Nesse movimento intenso, professor e crianças, totalmente envolvidos, as experiências foram se findando e logo, como as formigas, voltamos todos para a sala referência, almejando viver novos momentos e descobertas.

Todavia, cabe ressaltar que a trajetória de exploração/experimentação científica não terminou com o retorno à sala de referência. Isso porque nos valem, e muito, dessa experiência com as crianças para planejar outras tantas movimentações no cotidiano da pré-escola, com vista a viver-criar em outros espaços da instituição; ampliar nossas reflexões sobre o mundo natural e mobilizar esforços de trabalho com outras linguagens. Assim, seguimos com a atitude de “[...] traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças” (Ostetto, 2012, p. 177).

Então, é relevante destacar que a atitude docente, nesse caminhar pedagógico, constituiu-se sempre mediante um planejamento educativo assumido como instância de reflexão que se movimenta a partir do registrado e documentado. Para tal, aprender a observar e apreender o cotidiano com as crianças, escrever sobre seus maravilhamentos em processos de interação e brincadeira, bem como nossas dúvidas e anseios enquanto professores-professoras no cotidiano da Educação Infantil, com o corpo interior, torna-se condição fundamental e estruturante.

Ademais, podemos ressaltar que as aventuras na busca pelo conhecimento têm como ponto de partida a atividade de observação e registro. E a proposta que aqui lembramos de maneira descritiva e analítica ganha novas e oportunas camadas, quer seja, a reflexão já vivificada no cotidiano do trabalho docente, agora é adensada com novas ponderações e, ao mesmo tempo, amplificada. Não como um modelo a ser seguido, mas como uma possibilidade de trabalho para inspirar diferentes cotidianos com as crianças da creche à pré-escola, com vista à superação da conhecida “hora da atividade”. Afinal, ser-estar professor-professora na Educação Infantil implica saber-fazer com as crianças, com intencionalidade e, sobretudo, com criatividade, de modo a

permitir andarilhar por caminhos pedagógicos sinuosos e amedrontadores, porém ricos de conhecimento a favor da ampliação do repertório cultural de crianças e professores-professoras.

Em suma, esperamos que a proposta de experimentação do jardim da pré-escola que apresentamos e que se materializa no enlace com o campo das Ciências Naturais, possa ser luz para outras práticas pedagógicas no *tempoespaço* da Educação Infantil que, ao desemparedar o cotidiano, oportunize explorações por diferentes territórios e possibilite às crianças, bem como aos professores-professoras, sonhar outros mundos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência na Educação Infantil é descoberta, um constante movimento de busca pelos novos e oportunos caminhos para saber-fazer com coragem e ousadia o cotidiano com as crianças. É claro que às vezes nos perdemos, porém temos clareza de onde desejamos chegar! E desejamos a constituição de crianças que, na interação e interrogação do mundo, com muita imaginação, possam apreender um conjunto ampliado de conceitos/fenômenos do campo das Ciências da Natureza.

Portanto, ao fomentar explorações em um jardim, ao brincar com uma “lupa de cientista”, reconheceram animais e plantas, dialogaram sobre a vida e a morte, constituíram conhecimento vivo e ativo para ler o mundo. Almejamos, nesse viés, uma Educação Infantil que mobilize as crianças e professores-professoras. Para tal, preconizamos uma Educação Infantil que desenvolva práticas pedagógicas com as crianças que tenham como eixos a brincadeira e as interações, e que oportunize às crianças (agora e amanhã) participarem ativamente na tomada de decisões do mundo.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. O desassossego de que se ocupa a infância. In: MARTINS, Mirian Celeste; MOMOLI, Daniel; BONCI, Estela. (Orgs.). **Formação de educadores**: modos de pensar e provocar encontros com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota editora, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

CORINNA, Luyken. **A árvore em mim**. Rio de Janeiro: Pequena Zahar, 2022.

CORSINO, Patrícia. Introdução. In: CORSINO, Patrícia. (Org.). **Educação Infantil**: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

DÍAZ, Claudia Mabel. **Estructuras didácticas para Ciencias Naturales**: estrategias integradoras para explorar, experimentar e investigar. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2016.

GIL-PERES, Daniel; CARVALHO, Anna Maria Pessoa de; PRAIA, João; VILCHES, Amparo. Importância da Educação Científica na sociedade atual. In: GIL-PERES, Daniel; CARVALHO, Ana Maria Pessoa de; PRAIA, João; VILCHES, Amparo. **A necessária renovação do ensino de ciências**. 3 ed São Paulo: Cortez, 2011.

GUERRA, Monica. **As mais pequenas coisas**. A exploração como experiência educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

LIMA, Maria Emilia Caixeta de Castro; SANTOS, Malry Barbosa Loureiro dos. **Ciências da Natureza na Educação Infantil**. 2 ed. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço: UFMG, 2018.

NICOLLI, Aline Andréia; MORTIMER, Eduardo Fleury. Perfil conceitual e a escolarização do conceito de morte no ensino de ciências. **Educar em Revista**, n. 44, p. 19-45, 2012.

NIGRIS, Elisabetha. A “didática da maravilha”: um novo paradigma epistemológico. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Apezzato. (Orgs.). **Infância e suas linguagens**. São Paulo: Cortez, 2014.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na Educação Infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 10º ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

RIMONDI, Angelo. **Gaia scienza. Teatri di animazione ecologica dalla scuola dell’infanzia alla scuola di base**. Mettere in forma il mondo. Bergamo: Edizioni Junior, Azzano S. Paolo v. 1, p. 39, 2003.

RODARI, Gianni. O homem de orelhas verdes. In: TONUCCI, Francesco. **Com olhos de criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

STACCIOLI, Gianfranco. **Tra le righe**: vivere volentieri la scuola di base. Roma: Carocci, 1998.

TIRIBA, Léa. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

VECCHI; Gérard de; MAGNALDI, Nicole Carmona. **Aiutare a costruire la conoscenza**. Florença: Nuova Italia, 1999.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

EXPLORADORAS/ES NO JARDIM DA PRÉ-ESCOLA: CRIANÇAS, FORMIGAS, MARIPOSAS E PLANTAS

Explorers in the childhood school's secret garden: ants, months and plants

José Firmino de Oliveira Neto

Doutor em Educação em Ciências e Matemática

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Goiânia, Brasil

josefirmينو@ufg.br

 <https://orcid.org/0000-0003-0782-2149>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua 9-B, n. 182, Setor Oeste, CEP: 74110-120, Goiânia, GO, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Aos professores(as) da Escola Municipal Professora Leonísia Naves de Almeida, Goiânia - GO, por partilhar os territórios da docência.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: J. F. de O. Neto

Coleta de dados: J. F. de O. Neto

Análise de dados: J. F. de O. Neto

Discussão dos resultados: J. F. de O. Neto

Revisão e aprovação: J. F. de O. Neto

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

No cotidiano do trabalho pedagógico as crianças eram sempre consultadas sobre o uso de suas imagens na documentação pedagógica produzida pelo professor.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

A prática compartilhada no manuscrito é oriunda da prática pedagógica desenvolvida pelo autor do manuscrito, dessa maneira no início do ano letivo famílias e crianças assinaram termos de consentimento (as crianças fizeram desenhos) para divulgação de textos/imagens oriundos da documentação pedagógica produzida.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância

- NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista
Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista
Recebido em: 24-03-2025 – Aprovado em: 04-08-2025